

PALAVRAS QUE ECOAM DO CORAÇÃO DA TERRA: A CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO AUTÔNOMA PELO MOVIMENTO ZAPATISTA

PALABRAS QUE RESUENAN DESDE EL CORAZÓN DE LA TIERRA: LA CONSTRUCCIÓN DE LA EDUCACIÓN AUTÓNOMA POR EL MOVIMIENTO ZAPATISTA

Priscila Fazio Rabelo²⁷

Resumo

Este texto é uma resenha do livro *Um mundo onde caibam muitos mundos: educação descolonizadora e revolução zapatista*, da antropóloga e educadora popular Ana Paula Morel, publicado em 2023. A partir de uma imersão etnográfica, Morel busca demonstrar como o Movimento Zapatista, localizado em Chiapas no México, persiste na construção de espaços educativos autônomos como forma de enfrentamento às contínuas violências propagadas pelo Estado e pelo Capitalismo. Dividido em quatro capítulos, o livro apresenta como os processos de ensino-aprendizagem são forjados a partir de uma proposta anticolonial e autogestionada enraizada no cotidiano das comunidades e construída coletivamente em assembleias. Além disso, demonstra que a tessitura de uma educação libertária tem como elemento crucial a relação com o cosmo, com os seres espirituais e com a Terra. Morel conclui que, longe de ser um modelo a ser seguido, o zapatismo é um chamado para que diferentes povos lutem à sua própria maneira, inspirando outros movimentos na construção de *um mundo onde caibam muitos mundos*.

Palavras-chave: Autonomia; Educação; Zapatismo.

Resumen

Este texto es una reseña del libro *Un mundo donde caben muchos mundos: educación descolonizadora y revolución zapatista*, de la antropóloga y educadora popular Ana Paula Morel, publicado en 2023. A partir de una inmersión etnográfica, Morel busca demostrar cómo el Movimiento Zapatista, ubicado en Chiapas, México, persiste en la construcción de espacios educativos autónomos como forma de enfrentar la violencia continua propagada por el Estado y el capitalismo. Dividido en cuatro capítulos, el libro

²⁷ Doutoranda em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) com financiamento da CAPES. E-mail de contato: pri.fr.cso@gmail.com

presenta cómo los procesos de enseñanza-aprendizaje se forjan a partir de una propuesta anticolonial y autogestionada arraigada en la vida cotidiana de las comunidades y construida colectivamente en asambleas. Además, demuestra que la trama de una educación libertaria tiene como elemento crucial la relación con el cosmos, con los seres espirituales y con la Tierra. Morel concluye que, lejos de ser un modelo a seguir, el zapatismo es un llamamiento para que diferentes pueblos luchen a su manera, inspirando a otros movimientos en la construcción de *un mundo donde quepan muchos mundos*.

Palabras-clave: Autonomía; Educación; Zapatismo.

Violências e autodefesas

Em um mundo marcado por processos contínuos de violência contra corpos e territórios, ou ainda como nos lembra o saudoso mestre quilombola Nêgo Bispo (2015, 2023), pela recolonização, o livro da antropóloga e educadora popular Ana Paula Morel nos mostra que, diante do arruinamento consequente do projeto de Modernidade também são inúmeros os exemplos de povos em processos de resistências, construções de autonomia, solidariedade e luta anticapitalista. *Um mundo onde caibam muitos mundos*, prefaciado por Jean Tible e publicado pela editora Autonomia Literária, em 2023, para além de descrever a luta do movimento zapatista por uma educação plural e autônoma frente a toda violência propagada pelo Estado do México, nos move a pensar como a luta zapatista tem inspirado outros movimentos e coletivos na construção de espaços educativos autônomos.

Neste livro a autora situa que, dentre os diversos elementos que constituem o movimento, um dos pilares mais importantes da luta zapatista é a construção da autonomia, em que a educação é forjada a partir de uma proposta anticolonial e autogestionada que considera uma pluralidade de mundos na construção dos espaços educativos. Diferente das etnografias clássicas que comumente focam na organização de um povo, Morel optou pela descrição e reflexão crítica dos processos de construção e manutenção dos espaços educativos a partir do movimento zapatista. Vale destacar que nesta imersão, Morel não esteve somente como antropóloga, mas também como educadora, apoiadora do movimento e como aluna do curso de espanhol e tzotzil em Chiapas ao longo de um ano.

Para além de situar as dinâmicas e projetos das escolas autônomas, Morel esteve atenta às aberturas e tessituras na composição de muitos mundos que estes espaços têm possibilitado. Como situa a autora, o movimento é composto por “forças, deuses e espíritos” (Morel, 2023, p. 15) que, a partir de um entrelaçamento entre a celebração do espírito (*ch’ulel*) e o pertencimento à terra (*lum, balumil*) tem constituído o processo de ensino-aprendizagem autônomo. Segundo a autora, a elaboração teórica dos zapatistas está enraizada no cotidiano das comunidades, tanto na compreensão do lugar que ocupam, das lutas contra o Estado e o capitalismo, quanto no entendimento de que a elaboração de um projeto político de educação perpassa necessariamente pelo encantamento do mundo e por um deslocamento do humanismo a partir “de uma profunda relação com a produção cotidiana da autonomia no cosmos” (p. 22).

O livro, organizado em quatro capítulos, inicia a partir da descrição da noção de autonomia e apresenta desde a vida das comunidades até a relação entre educação e saúde. Em relação a vida nas comunidades, Morel descreve que a autonomia se tece a partir da luta coletiva e tem como mote a destruição do capitalismo e a criação de uma pluralidade de mundos. Nessas comunidades onde vivem os zapatistas também estão presentes os partidistas (indígenas não zapatistas vinculados a partidos políticos), sendo alguns inclusive financiados pela política estatal contrainsurgente. O Estado, além de financiar grupos paramilitares, também utiliza como estratégia para a dissolução do movimento, a criação de programas assistencialistas, o que inclui a apropriação do vocabulário militante dos zapatistas. Diante desse cenário, a estratégia do movimento para garantir a autonomia é a recusa da participação política partidária e dos programas assistencialistas.

Em relação à quantidade de zapatistas, não há como afirmar um número, tanto por conta das próprias mudanças, durante essas três décadas, quanto pela própria estratégia do movimento em não quantificar ou divulgar. O movimento que, desde sua formação, investe na autodefesa e na sustentação da EZLN (Exército Zapatista de Libertação Nacional), é composto majoritariamente por povos indígenas, sobretudo, localizados na região de Chiapas, em que são faladas cerca de 22 línguas. O eixo da luta pela terra, pelos direitos da cultura indígena e luta contra o capitalismo estão presentes desde o início da organização. Apesar dos desafios, a consolidação da autonomia

zapatista tem se dado a partir da criação dos municípios autônomos, dos caracóis (centros administrativos), das *Juntas de Buen Gobierno*, mas também a partir de uma justiça restitutiva.

A respeito daqueles que desempenham o ofício de educar, Morel argumenta que a compreensão de trabalho difere da concepção ocidental. Para o movimento zapatista, o trabalho realizado pela pessoa não é dela, mas sim da própria comunidade. Do mesmo modo, dentro dessa dinâmica, cada família ou pessoa determina o tempo e a forma de trabalho. A autora traz ainda a concepção de autonomia pelos educadores, que aparece intimamente ligada à descentralização do poder e da recusa de entidades externas nas resoluções dentro da comunidade, essa descentralização também aparece a partir da noção *mandar obedecendo*. Ademais, Morel argumenta que a autonomia entre os zapatistas emerge da terra e das relações com o cosmo.

A autora também aponta que as mulheres são fundamentais na construção cotidiana da autonomia, nas assembléias, atuando como promotoras e autoridades autônomas. Elas também estiveram presentes no levante armado e ainda estão presente no EZLN, além disso, possibilitam, a partir da máxima *somos iguais porque somos diferentes*, caminhar para um feminismo que implica em um sujeito coletivo. Como aponta Morel, “Na luta das mulheres zapatistas, tudo é concebido como particular em sua multiplicidade – e não idêntico” (p. 56). Outro ponto, é que na construção da autonomia, a educação popular em saúde também aparece como elementar entre os zapatistas, em que promotores de educação e saúde passam por formações e práticas contínuas. Nesse processo transmitem a necessidade da luta contra os transgênicos, a valorização da medicina das plantas e a retomada dos territórios.

No capítulo dois, Morel relata que a educação autônoma tem sido tecida a partir dos aprendizados e das demandas de estudantes e da própria comunidade, que decidem coletivamente em assembleias sobre os rumos do sistema educativo, o que reflete na afirmação de que a escola não é o único lugar em que se educa. Diferente das escolas oficiais do Estado que propagam autoritarismo e racismo anti-indígena, as escolas autônomas consideram os ritmos agrícolas, político e religioso. No que tange aos conteúdos, Morel destaca a revalorização dos saberes locais, a discussão a partir dos

conhecimentos externos à comunidade, além do foco no que é necessário e desejado. Neste contexto, a construção de uma educação autônoma depende das relações interespecies e também do amadurecimento do espírito (*ch'ulel*) que, para além do humano, atravessa outros seres vivos e objetos. Através dos relatos de promotores fica evidente que as aulas vão se construindo a partir do caminhar e, portanto, não há uma metodologia fechada. Ademais, como demonstra Morel, os educadores partem de uma pedagogia integral que inclui, por exemplo, o trato com a terra e com a produção de alimentos.

A autora é assertiva ao destacar que as escolas, para os zapatistas, se constituem enquanto experimentações que são fortalecidas a partir das intervenções coletivas e que não estão separadas da vida comunitária. A educação verdadeira (*chanel*), denominada pelo movimento, tem como característica o ato de conhecer junto, o que inclui, a partir de uma relação vital com a natureza, outros seres para além do humano, além de ser intrínseca à vida cotidiana, já que para o movimento, a *educação verdadeira*, não começa na escola, mas sim na família. Morel também destaca que, embora não exista a palavra pedagogia, os zapatistas consideram que o processo de aprendizado está relacionado com a prática de caminhar perguntando, que antecede o próprio movimento, mas que está presente na construção dos espaços de educação autônomo e é fundamental “na arte de cuidar-se como povo na relação com *ch'ulel* (espíritos), *yajval* (deuses) e *balumil* (mundo)” (p. 93)

E é a partir dessa relação entre espíritos, deuses e o mundo que Morel inicia o terceiro capítulo. Primeiramente, nos situando que para os zapatistas, “as palavras são seres animados que falam através dos seres humanos” (p. 98) e que a palavra *ch'ulel* sempre se faz presente nas comunidades possuindo uma relação intrínseca com os corpos em diferentes níveis de intensidade. O processo de engrandecimento do *ch'ulel* depende também do diálogo constante com os deuses, podendo acontecer de forma coletiva, que necessariamente perpassa por sentir e entender o mundo. Já os *yajval* habitam todos os lugares, sendo o *yajval balumin* (dono da terra) um dos mais elementares. Morel também argumenta que essa relação também oferece perigos que podem culminar no fim do mundo. No contexto da *grave tormenta* o fim está atrelado às catástrofes produzidas pelo sistema capitalista e essa anunciação está presente nas

dinâmicas educacionais que para além de situar o fim do mundo, também situam a possibilidade de construção de um mundo onde caibam muitos mundos.

O último capítulo retoma um dos pilares fundamentais do movimento zapatista: a luta pela Terra. A autora inicia situando as *tierras recuperadas*, ou seja, terras que foram expropriadas por invasores que impuseram uma relação de propriedade com a terra. Essa relação é invalidada pelos zapatistas que tecem a conexão, intimidade e princípio de existência com a Terra. Tanto a concepção de mãe-terra, quanto a noção de *tierras recuperadas* se assemelham ao processo de retomadas pelo movimento indígena no contexto brasileiro. Para Morel essas grandes retomadas zapatistas estão implicadas em um movimento de *politização da natureza* e isso implica, por exemplo, na recusa de programas assistencialistas e projetos de desenvolvimento incentivados pelo Estado, que tendem a romper a relação com a terra, além de tratá-la como recurso ou bem universal. Nesse sentido, a autora não deixa dúvidas de que a luta pela terra é também uma luta contra o Estado e a institucionalidade, que desde sua formação, tem atacado o modo de vida indígena e promovido saques e mortes.

Morel conclui o livro retomando a *grave tormenta* anunciada pelos zapatistas, também denominada pela comunidade científica e acadêmica como Antropoceno. Para a autora, embora vivenciamos uma destruição sem precedentes, a existência e as práticas de autonomia abrem caminhos para questionarmos o mundo o qual conhecemos. Morel recupera o fato de que o próprio movimento zapatista considera que suas práticas atuais existem muito antes da própria criação do movimento. Em outras palavras, é a vida dos povos que se traduz na atualidade como educação autônoma. Uma educação que se faz caminhando e perguntando, de coração aberto, na relação com a terra e seus seres vivos e inorgânicos. Uma educação que requer pertencimento a um lugar e que se tece no cotidiano da comunidade, na horizontalidade e pelo fim do capitalismo. Por fim, a autora cita uns dos educadores, Emiliano, que afirma que longe de ser um modelo de luta a ser seguido, o zapatismo é antes de tudo, um chamado para que diferentes povos em diferentes geografias lutem à sua própria maneira, ou seja, um chamado para a tessitura de muitos mundos possíveis.

E é aqui, que talvez resida a maior contribuição deste livro. Morel não está implicada somente em descrever e refletir sobre práticas educacionais, mas, sobretudo, ao que me parece, em nos fornecer elementos que possam servir de ferramentas de luta contra uma educação colonizadora, tanto para quem está inserida no sistema de educação normativo e oficial, quanto para quem está nas trincheiras da luta por terra e território como é o caso da articulação nacional da Teia dos Povos. Mestre Joelson Ferreira, idealizador da articulação, em *Sonhando a Terra do Bem Virá*, afirma que a luta zapatista tem sido uma referência global de resistência, autonomia, solidariedade e bem viver e que “foi com esse espírito que surgiu a Teia dos Povos em 2012” (Reyes e Ferreira, 2025, p. 9). Assim como os zapatistas, a Teia dos Povos também tem construído uma caminhada para a soberania pedagógica e nela está inclusa a luta por escolas plantadas a partir da própria semente de cada território “para que nasça com as características da terra onde foi semeada” (Ferreira e Felício, 2021, p. 88). Assim como os zapatistas, a Teia tem conduzido práticas pedagógicas que tecem a reconexão espiritual com a terra e conduz ao exercício de imaginar outras possibilidades de vida diante das ruínas do mundo moderno. E é exatamente essa possibilidade que a escrita de Ana Paula Morel nos apresenta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, Joelson; FELICIO, Erahsto. *Por terra e território: caminhos da revolução dos povos no Brasil*. Arataca (BA): Teia dos Povos, 2021.

MOREL, Ana Paula. *Um mundo onde caibam muitos mundos: educação descolonizadora e revolução zapatista*. São Paulo, SP: Autonomia Literária, 2023.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. *Colonização, Quilombos, Modos e Significações*. Brasília: INCTI/UNB, 2015.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. *A terra dá, a terra quer* – São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023.

REYES, Alejandro. *Sonhando a Terra do Bem Virá: zapatismo, autonomia e a Teia dos povos*. São Paulo: GLAC edições, 2025.